

Um antirromance irlandês à luz do Ato de União de 1800: um estudo sobre “Castle Rackrent”, de Maria Edgeworth

Michelle Andressa Alvarenga de Souza¹

Castle Rackrent é um romance de Maria Edgeworth publicado em 1800 e que coloca a problemática da união de uma nação formada por componentes que se diversificam no campo étnico, cultural, linguístico e religioso. A publicação do livro à luz do Ato de União, que anexou a Irlanda ao Reino Unido da Grã-Bretanha, coincide com o surgimento do subgênero híbrido *National Tale* na Irlanda. Isso confere a essa obra um forte apelo didático, tornando-se um romance político irlandês no centro do Império Britânico. Este artigo demonstra como ele, ao mesmo tempo em que educou o leitor inglês acerca da alteridade irlandesa e buscou superar preconceitos coloniais por meio da simpatia, também proporcionou à maioria católica irlandesa uma representação mimética dos costumes e tradições de seu país e a denúncia das condições injustas impostas a eles pelo sistema de posse de terras e pelas cicatrizes das *Penal Laws*. Ressalta-se, além disso, que o romance também alerta a minoria da ascendência anglo-irlandesa protestante acerca dos riscos que ameaçam o *status quo* que lhes mantinha no poder.

O objetivo central desta breve investigação é demonstrar que esse romance de Maria Edgeworth procura refletir sobre quais seriam as possibilidades da Irlanda em um contexto político crítico, que colocava a Irlanda e os irlandeses (católicos e protestantes) entre a ameaça de uma revolução sangrenta, como a ocorrida na França uma década antes; e a supressão de sua identidade, cultura e tradições por meio da união parlamentar com a Grã-Bretanha, a qual resultaria no fechamento do parlamento irlandês em Dublin e levaria a tomada de decisões acerca da Irlanda e dos irlandeses para Londres.

Ao instrumentalizar a ficção para o centro do debate político, Maria Edgeworth pontua cuidadosamente a iminência da provável perda de identidade por parte dos irlandeses ao renunciarem à independência legislativa alcançada em 1782 por meio do pedido de ajuda à Grã-Bretanha após a sangrenta rebelião de 1798. Fala-se explicitamente das incertezas que a anexação da Irlanda ao Reino Unido traria no prefácio e nas notas do editor, ambos escritos pela voz autoral de Edgeworth. Estas menções deixam clara sua preocupação acerca dos efeitos da chamada “união” para o povo irlandês.

¹ Michelle Alvarenga é doutoranda do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo (USP) e docente substituta de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade de Brasília (UnB).

Castle Rackrent é estruturado em três partes distintas, mas complementares: (1) o prefácio, (2) as memórias de Thady Quirk sobre a história da família Rackrent e (3) as notas do editor, o glossário e as anotações da autora. Ainda que as partes 1 e 3 estejam dissociadas da narrativa principal, elas estabelecem um diálogo direto com a parte 2 e influenciam substancialmente a recepção do texto por parte do leitor. Os elementos paratextuais serão, portanto, considerados partes constituintes deste trabalho literário que oferecem mais vozes à narrativa já bastante polifônica feita por Thady acerca da ruína da família Rackrent, causada pela negligência e indiferença dos últimos quatro herdeiros irlandeses.

O prefácio justifica o conteúdo da história de Thady Quirk e valida-o como narrador e biógrafo. Ele começa explicando como histórias privadas emergem pelo amor à verdade, algo pouco abordado pelos historiadores. Portanto, o biógrafo deve ser valorizado por trazer à luz as cartas, os diários e as conversas de pessoas importantes (EDGEWORTH, 2007, p. 3). O prefácio também adverte o leitor de que Thady escreveu a história da família Rackrent em sua língua vernacular, um *hiberno English* que não foi traduzido propositalmente para evitar que dúvidas fossem levantadas sobre a autenticidade da história contada. Ele conclui informando que o tipo de pessoa retratado no romance pelos Rackrents do sexo masculino (bêbados, briguentos e indiferentes) não podem mais ser encontrados na Irlanda no ano de publicação do romance, o que deixa claro que a narrativa representa o povo irlandês antes da união com a Grã-Bretanha.

O prefácio também é importante por advertir a chamada iminente perda de identidade por parte da Irlanda quando a união com a Grã-Bretanha for consolidada. Ele transmite a ideia de que velhos costumes e tradições irlandesas estão sob ameaça e que é válido deixar a alteridade irlandesa registrada por meio desse texto.

Intitulado *Castle Rackrent: an hibernian tale. Taken from facts, and from the manners of the Irish squires before the year 1782*, o romance deixa claro que os acontecimentos narrados por Thady aconteceram antes do ano em que a Irlanda alcançou independência legislativa com o estabelecimento de um parlamento irlandês em Dublin. A escolha por esta data para a narração dos acontecimentos da família não é arbitrária pois, como afirma Susan Kubica Howard (2007, p. xvi, tradução nossa), a fundação do parlamento irlandês “ofereceu esperança aos irlandeses quanto à possibilidade da criação de uma identidade irlandesa digna e forte”².

²No original: “1782 was also the year that brought legislative independence to Ireland and a sense of renewed hope in the possibility of a strong and dignified national identity for Ireland.” (HOWARD, 2007, p. xvi)

A história de quatro herdeiros da linhagem Rackrent é contada por Thady Quirk, o *steward* da família. Ela possui um aspecto polifônico e o narrador dá lugar a diálogos, cartas, segredos e brigas. Os leitores podem identificar várias vozes à medida em que a história é contada. Essencialmente, Thady cobre a ascensão e queda de quatro herdeiros da família - Sir Patrick, Sir Murtagh, Sir Kit e Sir Condry - devido às suas próprias ações e descuidos.

Sir Patrick Rackrent, abdicou de suas raízes celtas e da religião católica para poder herdar o nome e a propriedade de seu primo. É possível identificar, já na primeira geração, a perda da identidade irlandesa prevista no prefácio. Isso evidencia que, para ascender socialmente e herdar grandes propriedades, é imperativa a conversão à religião protestante. Sir Murtagh, o segundo herdeiro, casou-se por interesse com uma mulher rica mais velha do que ele. A sua esposa era, segundo Thady, uma “grande economista” (EDGEWORTH, 2007, p. 14) que conseguia administrar a casa com pouquíssimas despesas. Ela o fez cobrando tudo o que podia de seus *tenants*, muitas vezes forçando os camponeses a abandonarem as suas próprias fazendas para trabalhar nas terras da família Rackrent. Este relato corrobora a historicidade da relação predatória entre os donos de terra e os camponeses que alugavam as terras:

o relacionamento entre camponeses e os donos de terra ou seus agentes na Irlanda desta época era complicado e, em geral, o costume favorecia o proprietário e prejudicava severamente os inquilinos das terras. Sir Murtagh e sua esposa estão determinados a sugar o máximo de seus inquilinos, requerendo animais, trabalho extra, dinheiro ou *weed*³ (HOWARD, 2007, p. xiv, tradução nossa).

Enquanto a esposa fiscalizava os empregados e explorava os *tenants*, Sir Murtagh redigia severos contratos de aluguel das terras do *estate* e estava pronto a mover um processo legal contra seus vizinhos por qualquer pequeno motivo. Ele alegava ter um processo legal para cada letra do alfabeto, os quais lhe custavam muito, sobretudo quando perdia. Esta situação forçou o início da decadência dos Rackrents, e partes da propriedade da família foram vendidas para acompanhar o ritmo de seus gastos processuais.

Sir Kit, o terceiro herdeiro, revelou-se um *absentee* viciado em jogos e apostas, que gastava os recursos do *estate* e da família para manter-se em Bath, na Inglaterra. A exploração dos *tenants* sob sua negligente gestão também é muito problemática. E foi precisamente essa negligência de Kit com a administração da propriedade que permitiu o início da ascensão daquele

³ “the relationship between tenants and landlords or their agents in Ireland at this time was complicated, and, in general, the customs favored the landlord and sometimes severely disadvantaged the tenant. Sir Murtagh and his lady seem intent on squeezing from their tenants every last duty owed them, be it livestock, work, money, or weeds.” (HOWARD, 2007, p. xiv)

que traria a ruína definitiva da linhagem Rackrent. Foi durante o tempo em que Kit era proprietário da terra que Jason Quirk, filho de Thady, começou a obter uma posição protagonística no dia a dia da administração das terras e dos negócios da família. Mas é sob o olhar míope de Sir Condry, o último herdeiro, que ele articula a tomada de poder sobre a propriedade e sobre o título Rackrent. A grande especulação acerca deste complô é se o pai, o narrador Thady, estava envolvido no processo.

Nenhum dos proprietários constrói nada, nenhum deles é capaz de transformar o *estate* da família ou modificar as relações sociais, sobretudo a relação com os *tenants*. A sucessão de herdeiros sem uma conexão clara entre eles, a dissipação ou extorsão do que se possui em termos de dinheiro e terras e o recomeço a cada troca de proprietário dão um aspecto episódico à narrativa, evidenciando o aspecto romanesco dessa obra literária.

Mary Jean Corbett (2004) explica que a indisciplina da família Rackrent é representada como fonte de desordem social e política em toda a comunidade, enquanto Gerry Brookes (1977) reforça esse entendimento refletindo que a maneira como Thady é chamado pelos seus patrões reflete a decadência causada a ele pela família. O narrador que começa o romance sendo chamado de “*Honest Thady*”, termina-o como “*Poor Thady*”, como um “resultado do declínio da família” (BROOKES, 1977, p. 597).

Uma vez que são diretamente afetados pela negligência dos Rackrents, o povo (representado por Jason e Thady Quirk) busca uma mudança de condição social e consegue tomar o poder para si. Maria Edgeworth tem consciência do crescimento de prestígio social de uma classe média de origem católica, convertida ao protestantismo – uma classe média que, como fez Jason, poderia instrumentalizar as instituições para reverter a situação e ocupar o lugar de poder que, à época, pertencia à ascendência anglo-irlandesa. A decadência da família Rackrent por meio dos atos dos últimos quatro herdeiros funciona como uma alegoria para a situação social na virada dos séculos XVIII e XIX e almeja criticar o formato do status quo daquela época para tentar manter a estrutura social da Irlanda.

Nesse momento histórico, surge ali um subgênero híbrido, de aspecto político, que incorpora características do novelístico e do romanesco. Chamado de *National Tale* e originário na chamada periferia celta, ele possui uma dimensão didática que costuma ser reforçada pelo aparato paratextual, que almeja tornar a alteridade irlandesa inteligível para o leitor do centro do Reino Unido. Ele é um romance político que não só esmaece a distinção entre romance jacobino

e anti-jacobino, como, ao contrário deles, não tenta neutralizar o dialogismo intrínseco da forma novelística. A manutenção do dialogismo permite a construção de duas coisas que são fundamentais para pensar o romance *Castle Rackrent* pelo viés da união na diferença: (1) defender e criticar o status quo de maneira simultânea e (2) apelar ao mesmo tempo ao público irlandês e inglês, que, se pensado em um contexto de união, seria o público nacional.

A defesa e a crítica ao status quo é a desafiadora tarefa que os romancistas irlandeses da virada dos séculos XVIII e XIX precisaram superar. De acordo com Chris Fauske e Heidi Kaufman (2004, p. 14, tradução nossa) Maria Edgeworth

procura afastar-se da estrutura de poder que ela critica, mas que, estranhamente, permite a ela que fale a partir de uma posição privilegiada. Suas tentativas de reconstruir e celebrar a cultura irlandesa enquanto, simultaneamente, reprova os efeitos do imperialismo britânico têm o efeito de identificar uma espécie de Irlanda desmembrada que ela valida pessoalmente como algo seu e culturalmente como algo por ela resgatado.⁴

Ainda que haja um predomínio no alinhamento político com o centro inglês, que a dimensão didática de *Castle Rackrent* seja direcionada ao público da Inglaterra e que haja um medo por parte da ascendência anglo-irlandesa de que as massas se rebelem, fica claro como o romance demonstra que não dá para defender um arranjo constitucional que resulta em uma sociedade tão injusta como a irlandesa.

É nesse sentido que essa obra literária possui uma qualidade mediadora e é, ao mesmo tempo, conflitiva e conciliadora. Ela evidencia a alteridade cultural e linguística irlandesa em um contexto de opressão, sobretudo financeira, para permitir a geração de uma simpatia no público inglês. Enquanto o público inglês é interpelado por meio do didatismo inequívoco do *National Tale*, o público irlandês é alcançado pela dimensão mimética e por reconhecer na obra a representação dos costumes do seu próprio país. Além disso, cabe acrescentar que o público irlandês também reconheceria a representação crítica de uma sociedade injusta, na qual eles, os irlandeses, não conseguem construir nada.

O *National Tale* pode ser definido, seguindo o raciocínio de Mary Jean Corbett (2004), como um instrumento ideológico que buscava prescrever a assimilação ao invés do domínio. Segundo ela, havia na Irlanda a necessidade de desenvolver instrumentos ideológicos com a

⁴“attempts to get out from under the very power structure she critiques, but that, oddly enough, enables her to speak from a position of power. Her earnest efforts to reconstitute and celebrate Irish culture while simultaneously admonishing the effects of British imperialism have the apparition-like effect of identifying a kind of disembodied Ireland she both claims personally and reclaims culturally as valid”. (FAUSKE; KAUFMAN, 2004, p. 14, tradução nossa)

finalidade de promover a arte ao invés da guerra, razão pela qual essa autora afirma que esse trabalho foi realizado majoritariamente por mulheres, geralmente protestantes.

Em face da iminente união, *Castle Rackrent* demonstra que há lugar para diversas alteridades no Reino Unido e que o próprio romance é um exemplo disso. Portanto, quando a Irlanda fosse anexada à Grã-Bretanha, seria importante haver uma política integracionista por parte dos ingleses e escoceses quanto à diferença que os irlandeses trariam à união, uma diferença capaz de agregar, uma vez que são um povo com tradições culturais ricas, antigas e dignas de registro e respeito.

Os desafios sociais impostos pela conturbada realidade da periferia celta impedem a composição de um romance realista nos moldes do postulado por Ian Watt (2007). Na introdução de *Castle Rackrent*, Howard (2007) fornece uma noção sucinta do principal elemento identificável na história: “a falta, falta de foco sentimental, falta de personagens heroicos, falta de experiências culturais partilhadas, falta de uma perspectiva unificada e de uma voz para descrevê-la”⁵ (HOWARD, 2007, p. xxxiii, tradução nossa).

A realidade de pobreza, violência, preconceito étnico, tensão religiosa e constante agitação social devido às reivindicações pela emancipação dos católicos não fornece o contexto de sociedade estável e unitária para a construção de um romance ordenado. No caso de *Castle Rackrent*, ao invés de um romance com unidade de ação, encontramos uma narrativa novelístico-romanesca regida pelo acaso, movida por uma sucessão de eventos de força maior que superam a capacidade do indivíduo, que não tem agência, que nada decide e que nada alcança. O momento que talvez deixe isso mais claro é a decisão de Sir Condy de escolher a mulher com quem passaria o resto da sua vida jogando uma moeda para o alto.

Com forte apelo didático, o *National Tale* configura-se como uma espécie de antirromance por constantemente evidenciar a sua ficcionalidade por meio de um generoso e indispensável aparato paratextual. Este paratexto é especialmente notável em *Castle Rackrent*, já que constitui 29 das 86 páginas do romance, totalizando aproximadamente 34% do texto.

Em *Castle Rackrent*, Maria Edgeworth desenvolve estratégias ficcionais que mantêm o didatismo do romance político e legitimam cada um dos componentes da contraditória realidade irlandesa. O prefácio e a nota do editor desempenham esta função, apresentando Thady Quirk como um narrador confiável, explicando que a língua vernácula foi mantida para evitar

⁵ “*Castle Rackrent is about lack—lack of sentimental focus, lack of heroic figures, lack of shared cultural experience, and lack of unified perspective and voice to describe it*”. (HOWARD, 2007, p. xxxiii)

questionamentos sobre a autenticidade da história narrada. Além disso, são as notas e o glossário que permitem incluir na obra o popular (representado pela tradição irlandesa) e o vernacular (representado pela escolha linguística de permitir que Thady narre em *hiberno English*). Deste modo, o paratexto traduz a alteridade irlandesa ao público inglês.

Na realidade, todo o aparato paratextual (prefácio, notas do editor e da autora e o glossário), ao nosso ver, deve ser considerado como parte integrante do trecho narrativo uma vez que, em *Castle Rackrent*, as dimensões ficcional e não-ficcional não podem ser claramente distinguidas.

Enquanto um romance antirrealista, *Castle Rackrent* reflete a desordem da Irlanda e evidencia as contradições e ambivalências da realidade irlandesa em um momento crítico da história, no qual os irlandeses encontram-se entre o enfrentamento de uma revolução popular ou da perda de sua identidade por meio da união com a Grã-Bretanha. Enquanto a voz autoral do prefácio fala da iminente “perda de identidade” do povo irlandês, a nota do editor que aparece depois da narrativa de Thady reflete que “é um problema de difícil solução determinar se uma União vai apressar ou retardar a melhora deste país” (EDGEWORTH, 2004, p. 64, tradução nossa).⁶

Fauske e Kaufman (2004, p. 13) afirmam que Maria Edgeworth, como seu pai, se opôs ao Ato de União. Howard (2007) explica que Richard Lovell Edgeworth votou contra o Ato de União somente porque as negociações para alcançá-lo estavam envolvendo atos de corrupção, ainda que ele fosse a favor de sua aprovação. Corbett (2004, p. 39), por sua vez, alega que “Edgeworth vê a Irlanda como necessária à Grã-Bretanha imperial, ainda que subordinada a ela”⁷.

Foi possível identificar que, por um lado, a obra literária em análise oferece uma solução implícita por meio da realização de uma reforma por parte da elite de ascendência anglo-irlandesa, protestante. Enquanto, por outro lado, promove a assimilação cultural da tradição irlandesa ao invés de sua rejeição por parte da Inglaterra e da Escócia na ocasião da união da Grã-Bretanha com a Irlanda.

Ao demonstrar a difícil situação do povo irlandês nas mãos de *landlords* incapazes e negligentes, ao mesmo tempo em que evidencia o perigo da ascensão social do povo (representado no romance por Jason), *Castle Rackrent* deixa implícito que um traço típico do

⁶ “It is a problem of difficult solution to determine, whether a Union will hasten or retard the melioration of this country”. (EDGEWORTH, 2004, p. 64)

⁷ “Edgeworth understands Ireland as necessary to an imperial Great Britain, albeit subordinate to it.” (CORBETT, 2004, p. 39)

conservadorismo irlandês, ao qual Edgeworth se associava: um conservadorismo pró-reforma. Demonstra-se, por meio desta representação ambígua dos anglo-irlandeses e dos próprios irlandeses, que o mais adequado para a Irlanda seria uma reforma conduzida pela ascendência anglo-irlandesa, que entende e respeita as tradições e os costumes do povo irlandês.

Corbett (2004, p. 41, tradução nossa) alega que o romance pode ser lido como um apelo pela reforma, uma reforma capaz de dar àqueles que mandam “uma apreciação por parte daqueles injustamente comandados por eles, capaz de tornar estes governantes capazes de inspirar um tipo de lealdade e capaz de minimizar as divisões entre as classes visando à harmonia social”.⁸

Howard (2007, p. xxi, tradução nossa) pontua, entretanto, que também é possível identificar em *Castle Rackrent* “uma ponte, ou identidade fronteira, que é alcançada pelo próprio romance: pela sua combinação da história contada por Thady com as notas e o glossário do editor, que fornecem uma integração das sensibilidades irlandesas e inglesas, mitigando as fronteiras genéricas”.⁹

Maria Edgeworth busca, por meio do *National Tale*, educar o leitor inglês e vencer, pela simpatia, os preconceitos que ele possa ter em relação ao povo irlandês. Walter Scott disse que os romances de Maria Edgeworth fizeram “mais para a consolidação da União do que todos os processos legislativos que a seguiram”¹⁰ (SCOTT, *apud* FERRIS, 2004, p. 12-13). Isso, segundo Ferris (2004), aconteceu justamente devido à capacidade que os textos de Edgeworth tinham de causar simpatia no público inglês quanto à situação do povo irlandês. Ela se manifesta justamente em “situações de comparativa falta de poder onde a função e a tendência de papéis sociais não são mais aparentes àqueles que os preenchem, seja porque o poder é a prerrogativa de uma autoridade absoluta ou porque ela é distribuída de formas que não podem ser compreendidas”¹¹ (LAMB, 2009, p. 1, tradução nossa). A posição de incerteza quanto ao papel social e política da ascendência anglo-irlandesa no contexto do Ato de União vai ao encontro do que Jonathan Lamb argumenta e as incertezas acerca de como a fusão do parlamento irlandês ao parlamento britânico

⁸ “To win the rulers to an appreciation of those they had unjustly ruled; to make those rulers capable of inspiring the kind of (misplaced) loyalty the Rackrents inspire; to minimize sectarian divisions in the interests of social harmony”. (CORBETT, 2004, p. 41)

⁹ “In *Castle Rackrent*, a bridge, or border identity, is achieved by the novel itself: by its combination of Thady’s story with the editor’s Glossary and notes, which provide an integration of Irish and Anglo sensibilities with the blurring of the generic boundaries.” (HOWARD, 2007, p. xxi)

¹⁰ “[...] he declared that the novels of Maria Edgeworth had done more “towards completing the Union, than perhaps all the legislative enactments by which it has been followed up.” (SCOTT, *apud* FERRIS, 2004, p. 12-13).

¹¹ “sympathy thrives in situations of comparative powerlessness in which the function and tendency of social roles is no longer directly apparent to those who fill them, either because power is the prerogative of an absolute authority or because it is distributed in ways that cannot be fully understood.” (LAMB, 2009, p. 1)

afetaria a sociedade irlandesa podem ser refletidas nessa busca por produção de simpatia junto ao público britânico.

A conclusão a que este artigo chega é que, alcançando os públicos inglês e irlandês (este último em sua completude, fornecendo elementos que apelam tanto para a maioria católica quanto para a minoria protestante); Maria Edgeworth oferece, em *Castle Rackrent*, uma saída ideológica e promove uma conscientização política que almeja manter a união em dois sentidos: o primeiro seria a união da própria Irlanda - evitando uma revolta popular - e o segundo a união com a Grã-Bretanha.

A manutenção da união irlandesa seria viável somente por meio de uma reforma conduzida pela elite anglo-irlandesa, a qual, oferecendo uma estruturação social mais justa e favorável aos camponeses católicos, manteria o status quo e permitiria a continuidade da interlocução com o centro do império. A união com a Grã-Bretanha, por sua vez, quando consolidada, deveria ter uma construção assimilativa, integradora e inclusiva – dando lugar à alteridade irlandesa ora representada no romance. Ao evidenciar a união na diferença no próprio corpo do romance, dando voz ao vernacular de Thady e incorporando as suas tradições e sua cultura; dando voz à ascendência anglo-irlandesa pelo aparato paratextual sob a voz autoral de Edgeworth; e respondendo antecipadamente aos questionamentos que poderiam surgir na cabeça do leitor inglês, *Castle Rackrent* permite que distinções significativas convivam em um livro e façam parte de um todo, ainda que este todo seja ambíguo e confuso. Ao possibilitar a integração das vozes irlandesa, anglo-irlandesa e inglesa no romance, Maria Edgeworth acomoda simultaneamente as diferenças do povo irlandês católico, do povo inglês protestante e da ascendência anglo-irlandesa que é irlandesa e protestante, ou seja, um pouco de cada e nenhum deles ao mesmo tempo. Sendo um *National Tale* que visa educar o leitor inglês, *Castle Rackrent* promove, portanto, uma possibilidade de união que incorpora a diferença, ao invés de rejeitá-la.

O que é mais inteligível é a identificação da construção de uma espécie de meio-termo que se adequa às duas frentes da solução ideológica apresentada. Foi argumentado anteriormente que a Irlanda da virada do século XVIII para o século XIX se viu diante de uma dupla ameaça: a ameaça de rebelião popular e a ameaça de perda de identidade. O meio-termo capaz de impedir a primeira ameaça seria a reforma mais adequada para a realidade de pobreza e violência da Irlanda no fim do século XVIII: não um controle externo por parte do seu irmão-nação, a Inglaterra, mas uma reforma conduzida pelos próprios irlandeses, pela minoria da ascendência anglo-irlandesa

mais especificamente. Uma reforma que, oferecendo mais justiça aos camponeses e a emancipação dos católicos, permitiria a estabilização dos ânimos revolucionários na ilha da Irlanda e manteria tanto o *status quo* da ascendência anglo-irlandesa quanto a continuidade da interlocução com o centro do Império Britânico. O meio-termo que, por sua vez, neutralizaria a ameaça de perda de identidade diante da união da Irlanda com a Grã-Bretanha seria a assimilação dos irlandeses e de suas tradições à nova configuração política do Reino Unido.

REFERÊNCIAS

BROOKES, Gerry H. The Didacticism of Edgeworth's *Castle Rackrent*. In: **Studies in English Literature, 1500-1900**. Vol. 17. No. 4. Nineteenth Century. 1977. P. 593-605

CORBETT, Mary Jean. **Allegories of Union in Irish and English writing, 1790 – 1870: Politics, History and Family from Edgeworth to Arnold**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

EDGEWORTH, Maria. **Castle Rackrent**. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2007.

FAUSKE, Chris; KAUFMAN, Heidi (ed.). **An Uncomfortable Authority: Maria Edgeworth and Her Contexts**. Newark: University of Delaware Press, 2004.

FERRIS, Ina. **The Romantic national tale and the question of Ireland**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOWARD, Susan K. Introduction. In: EDGEWORTH, Maria. **Castle Rackrent**. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2007.

LAMB, Jonathan. **The evolution of sympathy in the long eighteenth century**. Londres: Pickering & Chatto, 2009.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.